



**Celso Ming** celso.ming@estado.com

## O PIB de 2022 sob mais incerteza

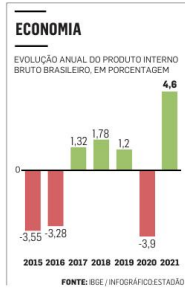
Uma vez conhecido o crescimento do PIB do Brasil em 2021, de 4,6% (veja o gráfico), convém examinar com atenção o que pode acontecer neste ano, que já começa atacado em várias frentes.

As projeções de uma variação insignificante, de 0,3% em 2022, são apostas que se repetem. É o quanto prevê o mercado auscultado pelo Banco Central na Pesquisa Focus. Mas até mesmo essa projeção, feita com breque de mão puxado, enfrenta novas adversidades, especialmente depois da eclosão da guerra da Ucrânia. Dependendo de sua intensidade, de sua duração e do seu desfecho, pode mudar muita coisa na economia mundial e na do Brasil, co-

mo mais adiante ficará dito.

A economia brasileira já vinha enfrentando retrancas. O aperto monetário (alta dos juros) para combater a inflação e, portanto, seu impacto recessivo era apenas uma delas. O desemprego alto, que atinge 11,1% da produção ativa, mais a perda generalizada de poder aquisitivo são outras.

O aumento do rombo das contas públicas e a incerteza política que cerca as eleições deste ano também seguram os investimentos e, principalmente, baixam o nível de confiança dos produtores. A atual disposição dos consumidores parece ser de adiar compras de maior importância, porque temem comprometer o orçamento do-



méstico com mais despesas.

A seca no Centro-Sul também vai castigando as planta-

ções, cujo desempenho mais baixo deve ser apenas em parte compensado por um aumento de preços das commodities.

Apesar da derrubada do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), a atividade da indústria de transformação também não apontava para o campo positivo. Ao contrário, as projeções vinham sendo de queda constante de produção.

A guerra complica ainda mais esse quadro e acrescenta a ele mais incertezas. A inflação deverá produzir novos estragos ao redor do mundo, a começar pelos provocados pela disparada dos preços da energia e das commodities.

Ainda não se sabe até que ponto os fluxos de produção e

distribuição ao redor do mundo, que ainda não se restabeleceram completamente da desorganização provocada pela pandemia, serão agravados pela retenção de navios, pela ação das sanções econômicas à Rússia e pela crise energética.

Aumentou a falta de insumos, de chips e de peças na indústria de transformação. A agricultura brasileira terá de ver onde obterá os fertilizantes potássicos. E sabe-se lá se a pandemia não poderá enfrentar novas ondas que demandarão mais iniciativas de reclusão social.

Os tempos são de forte neblina. Produtores e consumidores têm de operar na incerteza. ●

COMENTARISTA DE ECONOMIA

### Agronegócio Solução caseira

## Brasil pode diminuir dependência externa ao produzir adubo orgânico

*Fertilizantes naturais não substituem o uso dos químicos, mas podem reduzir em até 50% sua aplicação e melhorar a produtividade*

JOSÉ MARIA TOMAZELA  
SOROCABA

O produtor Paulo Montenegro Fachinni está substituindo o adubo químico pelo fertilizante orgânico composto em sua plantação de cana-de-açúcar, em Bocaina, no interior de São Paulo. Ele é de uma família que há mais de 120 anos cultiva cana e em 2016 aderiu ao uso do insumo, fabricado a partir da compostagem de lodos do tratamento biológico de efluentes e resíduos orgânicos agroindustriais.

“Comecei aplicando de 7,5 a 10 toneladas por hectare diretamente no sulco de plantio. Nessas operações, raramente faço complementação com fertilizantes minerais, mas, quando acho necessário, reduzo a aplicação do adubo mineral a



O produtor Paulo Fachinni; adubo orgânico reduziu uso de químicos

50% do recomendado”, disse.

O Brasil pode reduzir a dependência de adubos importados de países como a Rússia investindo mais na produção de fertilizantes orgânicos, produzidos a partir de subprodutos das atividades agrícolas, pecuária, agroindustrial e de saneamento urbano, ou seja, resíduos que normalmente são descartados. O adubo orgânico não substitui o uso do fertilizante químico, mas pode reduzir

em até 50% sua aplicação e ainda melhora a produtividade da lavoura. O insumo natural facilita a absorção do fósforo pela planta, evitando que esse mineral se perca no solo e acabe contaminando os mananciais.

De acordo com o engenheiro agrônomo Fernando Carvalho Oliveira, da Tera Ambiental, especializada em reciclagem de efluentes e resíduos orgânicos, a produção de fertilizantes orgânicos no Brasil ainda está se or-

### Em alta

**R\$ 331 mi** foi o faturamento do setor de fertilizantes orgânicos em 2020, segundo a Abisolo

**44,5%** foi o crescimento das vendas do produto em 2020 se comparadas com 2019

**1,5 milhão** de toneladas de fertilizantes orgânicos foram produzidas em 2020 no País

ganizando, mas tem grande potencial para crescer. Em 2020, segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Tecnologia em Nutrição Vegetal (Abisolo), o setor faturou R\$ 334 milhões, 44,5% de crescimento em relação a 2019. “Com base nesse faturamento, é possível estimar que a produção seja de 1,5 milhão de toneladas ao ano”, disse.

A tecnologia mais usada pelo setor é a compostagem termofílica (micro-organismos

que gostam do calor). “A produção vem numa crescente no Brasil nos últimos cinco anos, devido à satisfatória evolução do marco regulatório que orienta o segmento. As unidades fabris atualmente instaladas estão buscando aumentar sua produção ao nível máximo e ainda deve ficar aquém da demanda”, disse. Segundo o especialista, os fertilizantes orgânicos não substituem os minerais, mas contribuem para seu aproveitamento no solo, reduzindo as taxas de aplicação com ganhos de produtividade.

**PRODUÇÃO.** É o que o agricultor Fachinni já verificou na prática. A partir do primeiro corte da cana, ele reduziu a adubação orgânica para 5 toneladas por hectare e a adubação mineral em 40% do recomendado. Em algumas áreas que já tiveram cinco anos de aplicações sucessivas do orgânico, a redução é ainda maior. “Com essa estratégia, aliada aos demais tratamentos culturais, tenho alcançado produtividade acima da média regional e entendo que, com a adubação orgânica, estou investindo na qualidade do solo de minha fazenda.”

Atualmente, o preço dos fertilizantes orgânicos varia entre R\$ 200 a R\$ 450 a tonelada, dependendo da distância da área agrícola. A tonelada de adubo químico já custa mais de R\$ 2 mil, embora a quantidade aplicada por hectare seja menor. ●

## Redução do uso de fertilizante químico ajuda rios

SOROCABA

A capacidade dos fertilizantes orgânicos de auxiliar na absorção do fósforo pela planta representa outro ganho para o

ambiente. Segundo a Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb), análises da água coletada no reservatório de Barra Bonita, no Rio Tietê, nos últimos cinco anos, revelaram a presença de fósforo

em níveis que favorecem o crescimento de algas, prejudiciais à qualidade da água. Favorece também o crescimento de plantas aquáticas, a exemplo dos aguapés que se acumulam em barragens dos reservatórios.

Reportagem do **Estadão** na sexta-feira mostrou a presença de algas e aguapés cobrindo grandes trechos do Rio Tietê numa extensão de 300 quilômetros, desde Anhembi, mais próximo da capital, até o reservatório da hidrelétrica de Promissão, no centro-oeste paulista.

De acordo com a Cetesb, o

fósforo das águas dos reservatórios tem origem na carga difusa gerada em bacias onde predomina o uso agrícola do solo, cujo manejo envolve o uso de fertilizantes e adubos fosfatados. A aplicação desses insumos em meses chuvosos facilita o transporte do material para o Tietê. ● **J.M.T.**